

NOMEAR O EXÓTICO: UMA ACÁCIA DO NOVO MUNDO NUM JARDIM DO RENASCIMENTO EUROPEU

Manuel Fernandes
(CEGOT)

Nicole Devy-Vareta
(CEGOT)

Haripriya Rangan
(CEGOT)

Resumo/Abstract

O reconhecimento dos “objetos naturais” do Novo Mundo americano constituiu um problema para os relatores ibéricos do séc. XVI, confrontados com uma natureza inesperada além-Atlântico, sem disporem de um apetrechamento intelectual adequado à sua descrição e identificação. Nesta comunicação mencionam-se algumas das estratégias adotadas *in situ* e *ex situ* para ultrapassar a perplexidade inicial, e integrar concetualmente as produções naturais do continente americano, em particular as da flora, sendo apresentados exemplos de plantas transferidas para a Península Ibérica e aqui aclimatadas.

A copiosa afluência de plantas de origem americana a diversos pontos do globo, através de uma “migração pilotada”, ao longo da rede de ligações marítimas regulares constituída em meados do séc. XVI, contribuiu para uma subsequente transformação de paisagens regionais, com a difusão e o cultivo destas plantas; concorreu igualmente para um abalo irreversível na autoridade botânica dos autores da Antiguidade Clássica, cujas obras constituíam, até então, a matriz para a descodificação do mundo vivo, criando condições para um salto epistemológico na botânica descritiva e na sistemática e, posteriormente, na fitogeografia. O papel desempenhado nesta operação pelos hortos e jardins europeus dos sécs. XVI e XVII teve particular relevância, pois neles muitas plantas exóticas foram pela primeira vez formalmente descritas e (re)nomeadas.

Neste contexto, analisa-se nesta comunicação o reconhecimento de uma nova entidade botânica, representada por um arbusto espinhoso, com flores especialmente fragantes e vagens intumescidas, cujas sementes, provenientes das Antilhas, germinaram em 1611 nos *Orti Farnesiani*, em Roma. Esta planta, descrita por Tobias Aldini em 1625, a par de outras raridades botânicas exóticas cultivadas nos jardins farnesianos, recebeu uma designação tríplice – *Acacia Indica Farnesiana* –, que consubstancia uma fusão cultural e geográfica particularmente significativa. Com efeito, o nome *Acacia* alude à semelhança com certas plantas espinhosas do Egito e da Arábia, assim designadas nas obras de Teofrasto, Plínio e Dioscórides; o atributo *Indica* traduz a origem geográfica da planta – as Índias Ocidentais –, onde plantas similares foram inicialmente adscritas ao conceito de acácia veiculado pelas fontes europeias, que se sobreporia às designações das culturas locais; finalmente, *Farnesiana*, em homenagem aos Farnese, família romana dedicada ao cultivo e à difusão de plantas exóticas, como predicado do seu prestígio e influência.

Esta entidade botânica desempenharia, portanto, um papel de charneira entre as acácias descritas nas obras da Antiguidade Clássica e espécies similares do Novo Mundo, reconhecidas como entidades botânicas autónomas ao longo do séc. XVII, deixando de

ser consideradas “réplicas” de acácias do Velho Mundo. Disseminada nos países do sudoeste europeu, *Acacia farnesiana* – assim designada no contexto pós-lineano – foi cultivada em muitos jardins portugueses, usada como sebe em culturas agrícolas no sul de Espanha e alvo de um importante episódio de cultivo industrial, no sul de França, para a indústria de perfumaria. Contribuiu, assim, para a transformação das paisagens vegetais do sudoeste europeu, antecedendo a difusão de acácias com origem australiana, ocorrida a partir de meados do séc. XIX, que se sobreporiam às acácias americanas, constituindo uma marca indissociável das paisagens contemporâneas.

CV

Manuel Miranda Fernandes

Licenciado em Engenharia Florestal pela UTAD (1994). Foi docente no Ensino Superior entre 1995 e 2006. Efetuou em 2003 a monitorização de habitats invadidos por *Acacia dealbata* no Parque Nacional da Peneda Gerês (Projecto LIFE Natureza). Como bolseiro da FCT, colaborou no projecto Desenvolvimento de modelos de combustível para avaliação do perigo de incêndio nos espaços florestais portugueses (2006-2007) e realizou a dissertação de Mestrado Recuperação Ecológica de Áreas Invadidas por *Acacia dealbata* Link no Vale do Rio Gerês: um Trabalho de Sísifo? (2007-2008). Como consultor técnico, colaborou com a FEUP e com o CIIMAR em projetos e estudos de reabilitação fluvial. É acreditado pela Environment Agency (UK) no método River Habitat Survey. Colaborou com a Monash University (Melbourne) no projeto The Enigma of Arrival: Movements of the mimosa bush and the baobab across the Indian Ocean into pre-British Australia (2010-2012). Atualmente, é bolseiro de doutoramento em Geografia na FLUP / CEGOT, desenvolvendo uma tese sobre a origem fitogeográfica, a transferência intercontinental e a difusão regional no género *Acacia* Mill. Tem diversas publicações sobre temas ambientais, em revistas nacionais e internacionais, com arbitragem científica.